

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 1

Data: 03.09.76

Pg.: 1

# FIM DA GUERRA NA SELVA? FALTA A PALAVRA DOS ÍNDIOS

JA-3.9.76

Texto e fotos de Edilson Martins

A decisão foi tomada esta semana em Brasília: os posseiros permanecerão no território indígena que invadiram, no Parque Nacional do Aripuanã, em Rondônia, mas os índios Suruí receberão outra faixa de terra, equivalente à que perderam.

Participaram do encontro que chegou à solução o Ministro do Interior, Rangel Reis, os presidentes da Funai e do Incra, General Ismarth de Araújo e Sr Lourenço Vieira, respectivamente; o Governador de Rondônia, Coronel Humberto Guedes; o superintendente da Sudeco, Sr Júlio Laender; e um representante do Conselho de Segurança Nacional.

— Não se esperou — diz o sertanista Apoena Meireles, diretor do Parque Nacional do Aripuanã — que morressem mais seres humanos, do lado dos índios ou dos civilizados, para só então se tentar uma solução. Essa rapidez, na tentativa de solucionar problemas criados com a invasão permanente de território indígena, é um fato praticamente inédito. Cabe registrar o papel desempenhado pela imprensa. Só quem vive dentro do mato, embrenhado nos sertões brasileiros, vivendo a angústia de iminente extermínio do índio, pode avaliar o que é uma denúncia veiculada em jornal. No meio do mato, vivendo o ponto-de-vista do índio, não somos ninguém, diante das pressões das frentes de ocupação. A presença de um repórter nessas áreas é sempre um dado altamente relevante, nessa luta perdida, de preservar culturas primitivas.

— A demarcação de territórios indígenas — prossegue Apoena — é hoje uma questão nacional. Até porque esses par-

ques e reservas, e muitos deles não merecem mais esse nome, porque já não são uma coisa nem outra, só existiam no papel. A Funai, agora, decidiu executar esse trabalho. Vale dizer que essa medida sempre foi adiada nas administrações passadas. A aceitação desse desafio, por parte da atual presidência da Funai, é uma atitude de coragem. A partir dessa medida, a Funai devolve ao índio parte da confiança perdida ao longo dos anos. Sinto-me muito à vontade para registrar esse fato, pois não foram poucas as vezes que me incompatibilizei, inclusive publicamente, com essa fundação.

A reunião de Brasília gerou um documento, assinado pelas partes em questão, que consolida a invasão dos posseiros — cerca de 800, no mínimo — na parte Leste do Posto Sete de Setembro, onde vivem os índios suruí no vale do rio que deu nome ao Posto. Em compensação, os índios receberão em troca, na parte Oeste, uma faixa equivalente, em tamanho, ao trecho invadido pelos posseiros. A norma que se vinha seguindo até aqui era deixar os índios abandonarem a área invadida, como aconteceu com os kreen-akarorés, na BR-080 (Cuiabá-Santarém), obrigados a se fixar no Parque Nacional do Xingu, fora de seu habitat, de suas origens, de suas áreas culturais.

Apoena Meireles, que está em Brasília, retornará esta semana ao Parque do Aripuanã, a fim de explicar aos índios, demoradamente, tudo o que foi decidido. Ele terá de se reunir com os principais capitães da tribo, contar o desdobramento do encontro de Brasília, as razões do recuo, a compensação recebida, a inoportuna política da luta

dos índios no atual momento, em todo o complicado universo civilizado, suas contradições e ilogicidade. Isso tudo paulatinamente, sem pressa, quase cochichando ao ouvido do índio. Tanto a Funai, como o INCRA — que representa ou deveria representar — os interesses dos posseiros, tiveram de decidir sobre uma situação concreta. O que os índios perderam na faixa Leste — lhes dirá Apoena, noite adentro, às margens do rio — ganharam na faixa oposta, Oeste, que por sinal está mais preservada, não foi ainda atingida pelas frentes de colonização.

— Dai a necessidade — acentua o diretor do Parque do Aripuanã — de retornar urgente à aldeia. Recbi informações, não confirmadas, de que os índios estariam comprando armas. Não creio muito nessa história. Se aconteceu tal iniciativa, disponho de condições de acalmar seus espíritos, principalmente agora, que levo soluções. Até agora, os índios acreditam na Funai, felizmente. Precisamos preservar essa confiança, que pode ser perdida num dia, enquanto sua manutenção é um exercício permanente de dedicação.

— Participei, juntamente com meu pai, Chico Meireles, da atração dos suruí, em 1969 — continua Apoena. “Na ocasião, era muito jovem. Depois comandi a expedição dos avá-canoeiros, em Goiás. No ano passado estive na frente dos waimiris, no Estado do Amazonas, os terríveis waimiris, segundo se espalhou aos quatro cantos deste país, como se esses índios fossem uns bárbaros, uns vândalos que, de borduna e flechas às mãos, no meio da selva, vivessem a matar, destruir e torturar. Nada mais falso. De todas essas experiências, ficou uma

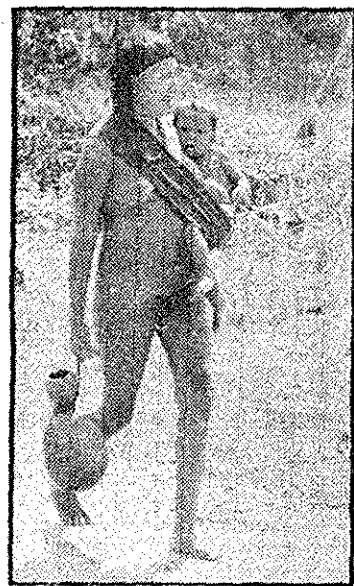
certeza: a partir de agora, farei tudo o que estiver ao meu alcance para retardar, adiar uma atração de um grupo primitivo. Atrair uma tribo, uma nação indígena, é uma atitude que hoje me dói. Nada temos a oferecer a ela, senão o próprio extermínio, a médio ou a curto prazo.

No recente episódio da invasão do Parque do Aripuanã por parte de posseiros procedentes do Sul — gaúchos, catarinenses e, principalmente, paranaenses — Apoena Meireles viveu dias de muito conflito. Ele sabe das dificuldades enfrentadas pelos posseiros, que abandonam seus Estados no Sul, quase sempre acreditando em fantasias de enriquecimento fácil e imediato na Amazônia. Essa gente toda, mais desestruturada do que o índio, carregando uma família inteira, busca as terras mais ricas, muitas vezes de boa-fé, iludida por empresas de colonização que lhes “vende” terras indígenas. A empresa dos irmãos Melhorança, em Rondônia, “vendeu” mais de 2 milhões de hectares de terras ilegalmente, nessa região. E os índios não podem mais ceder um palmo de seus territórios. Índio sem terra, sem fauna, sem flora, é índio desagregado, bêbado, desajustado, mendigo.

— Há muitos casos, mesmo na Funai — conta Apoena — de pessoas que, por falta de condições de se integrar na sociedade urbana, buscam o mato como refúgio. Mas o mato termina por agravar essa falta de estrutura. No mato nós estamos sempre diante de nós mesmos. Não há condições de fugir ao confronto com nossos problemas. O indivíduo está ali, os problemas surgem diante dele, não há alternativa; não há o bar, a esquina, os amigos, não há nada. Há pessoas que buscam no ser-

tanismo uma forma de afirmação como homem. E usam o índio para isso. Numa expedição, se o índio aparece, querem ir até ele de qualquer maneira. Isso, em trabalhos de atração, tem determinado uma série de mortes.

E atrair para que? Geralmente, para incorporar o índio à mão-de-obra das fazendas de gado, onde ele passa a exercer um papel de semi-escravo, sem valores culturais, desajustado. Ou para cortar *seringa* para seringalistas inescrupulosos, que nunca lhe pagam o devido valor de seu trabalho. No meio da selva, o índio preserva a natureza, representa uma vanguarda de conservação, vive em harmonia com a fauna e a flora. Incorporado aos valores civilizados, em pouco tempo, no conflito entre duas culturas, tomba da forma mais indigna.



O DIA-A-DIA DOS ÍNDIOS — GARANTIR APOENA — NÃO SERÁ AFETADO COM AS DECISÕES TOMADAS EM BRASÍLIA